

As Guerras Holandesas 1624 - 1654

Cláudio Moreira Bento*

Matéria evocativa do 350º aniversário da vitória luso-brasileira na Primeira Batalha dos Montes Guararapes.

Se a união das Coroas Ibéricas, de 1580 a 1640, atraiu para o Brasil tradicionais inimigos da Espanha, possibilitou também a sua expansão territorial além do meridiano das Tordesilhas, por bandeirantes paulistas e pelo Capitão Pedro Teixeira, em nome do Rei comum às duas Coroas.

Essa expansão ocorreu quase que ao mesmo tempo histórico das lutas para expulsar os franceses do Maranhão, os ingleses, irlandeses e holandeses do estuário e do baixo Amazonas e dos holandeses do Nordeste, onde atuaram de 1624 a 1654.

* Coronel de Engenharia e Estado-Maior. Sócio Benemérito do IGHMB. Presidente da AHIMTB.

A disputa comercial e religiosa (catolicismo espanhol x calvinismo holandês) terminou envolvendo o Brasil depois dessa união.

Para invadir o Brasil, colônia portuguesa sob a Coroa espanhola, a Holanda organizou a Companhia das Índias Ocidentais e forneceu navios, tropas e dinheiro. Coube a essa companhia invadir o Nordeste do Brasil por duas vezes. A primeira, na Bahia, em 1624, e a segunda, em Pernambuco, em 1630.

As invasões deram lugar às Guerras Holandesas ou Guerra dos Trinta Anos do Brasil, extensão da Guerra dos Trinta Anos na Europa (1618-1648).

A maior riqueza do Nordeste do Brasil da época era a cana-de-açúcar, que en-

contrava ambiente ideal de cultivo nos terrenos de massapê, e próximos ao litoral, e que vinha assegurando excelentes lucros a Portugal e a Espanha.

O Nordeste estava despreparado militarmente para fazer frente a uma invasão potente e planejada. Somente os portos do Recife e Salvador possuíam condições satisfatórias para repelir ações de corso, mas não de esquadras.

Podem ser considerados quatro os períodos dessa guerra: invasão e recuperação da Bahia, 1624-1625; invasão e conquista de Pernambuco, 1630-1636; governo do Príncipe Maurício de Nassau, 1637-1644; Insurreição e Restauração Pernambucana, 1645-1654.

INVASÃO DA BAHIA 1º PERÍODO

No dia oito de maio de 1624, surgiu poderosa e ameaçadora esquadra da Holanda frente a Salvador.

Compunha-se de vinte e seis navios armados com quinhentos canhões e guarnecidos por 3.300 homens, sendo 1.700 para o combate em terra e ocupação. Era uma fração expressiva de um dos mais famosos exércitos da época. O Almirante Jacob Willekens comandava essa potente força militar.

No dia 9, os holandeses atacaram e nossas fortalezas responderam.

O invasor, com um plano detalhado das fortificações, procurou evitar ser atingido. Usando 16 embarcações, fixou as defesas de Salvador, para as quais atraiu as reservas da cidade.

Enquanto as fortalezas duelavam com a esquadra inimiga, 5 navios, que os holandeses haviam deixado fora da barra, aproximaram-se do Forte de Santo Antônio e desembarcaram na praia, sem reação. Era uma força de 1.500 homens, aproximadamente.

Sem deter a avalanche de invasão tão bem planejada e contra a qual era inútil resistir, a guarnição e a população abandonaram Salvador, durante a noite, rumo ao interior. No dia seguinte, os holandeses, por terra e mar,

desfecharam o ataque sobre a cidade abandonada.

Constatando o exôdo, o invasor penetrou em Salvador, saqueando a cidade e aprisionando o Governador-Geral, que não abandonara seu posto.

A sede do Governo-Geral do Brasil caiu em mãos estrangeiras.

Próximo, (uma légua), das muralhas de Salvador, os baianos levantaram o Arraial do Rio Vermelho. Daí por diante esse arraial, em combinação com um sistema de emboscadas ou guerrilhas, tornou-se obstáculo à expansão da invasão para oeste.

Através de judicioso aproveitamento do terreno e do emprego de táticas de guerras nativas brasileiras, organizaram-se as companhias de emboscadas, compostas de 25 a 40 homens, para levarem a luta sem quartel ao invasor.

Surgiu, assim, no Brasil, um novo tipo de guerra, a guerra brasílica, que tanta surpresa e admiração iria causar entre os europeus, com uma doutrina militar local genuína.

Em pouco tempo, as emboscadas cercaram por completo Salvador, levando a morte e a destruição a todo o inimigo que deixasse as muralhas, na tentativa de buscar suprimentos para a manutenção da conquista.

Tombaram mortos sob a ação de emboscadas, suces-

sivamente, o Governador holandês Van Dorth e seu sucessor, o Coronel Alberto Shouten, comandante da força terrestre.

O êxito das emboscadas e o pavor de que foi tomado o invasor fizeram aumentar a confiança, a audácia e a determinação dos defensores, no sentido de expulsá-lo.

O testemunho do Padre Antônio Vieira, então vivendo na Bahia, dá conta do heroísmo e dos sacrifícios da gente baiana para libertar a terra invadida:

Passaram noites e dias sem dormir e descansar, viviam e dormiam sem um teto, alimentavam-se precariamente de farinha, padeceram por vezes seguidas, frio, fome e sede, além de estarem faltos de munição que foi conseguida com o próprio inimigo, através das emboscadas.

A única coisa abundante entre os luso-brasileiros foi o ânimo para a luta, além do grande desejo de libertar a Bahia.

Destacaram-se, sobremaneira, na reação, índios flecheiros das aldeias baianas, valiosos instrumentos ofensivos, nos períodos agudos de carência de munição.

Com freqüência, formações compactas holandesas viram cair sob seus peitos, de surpresa, nuvens de setas que lhes causaram muitas mortes e ferimentos. Os inimigos

mais ousados, ao prepararem o arcabuz para revidar o ataque, caíam ao solo, com o peito varado por flechas.

Verificaram, por fim, que a Companhia das Índias Ocidentais errara em sua apreciação estratégica. Não percebera a alma do povo, preocupada que estava com lucros fáceis e altos dividendos, resultando tudo na feliz expressão de Luís Delgado, *um confronto de uma alma x um negócio, em que a alma saíria vitoriosa*. Era dar tempo ao tempo. Era preciso completar o cerco de Salvador com o bloqueio marítimo.

E logo, esquadrihas improvisadas, de canoas e lanchas armadas, singravam a baía e concretizavam o isolamento do invasor por mar. Dificultaram-lhe assim desembarcar em outros pontos do Recôncavo para buscar recursos de sobrevivência.

O sítio de Salvador tornou-se cada vez mais rigoroso.

No interior da muralha foram encurralados mais de 1.400 luso-brasileiros, cerca de 2.800 inimigos, dos quais 1.600 soldados, 700 mercenários de diversas nacionalidades e 500 escravos armados.

No dia 29 de março de 1624, fundeu, próximo à Ponta do Padrão, poderosa esquadra luso-espanhola, sob o comando de D. Fadrique de

Toledo. Era composta de 52 navios de guerra e cerca de 12.000 homens, entre soldados e marinheiros, dos quais 4.000, aproximadamente, eram portugueses. Havia perto de 1.200 bocas de fogo.

Mais significativo ainda foi o reforço à resistência baiana por um contingente de brancos e índios trazidos do Rio de Janeiro, via marítima, por Salvador Correa de Sá e Benevides e, de Pernambuco, por Jerônimo de Albuquerque Maranhão. Continuava a tradição de solidariedade e apoio mútuo das diferentes partes do Brasil nascente, em prol da integridade territorial e cultural católica do País.

Salvador foi submetida a rigoroso cerco, que se foi apertando aos poucos, até que o invasor, cedendo terreno, abandonou os Fortes e buscou proteção nas muralhas da cidade.

A partir de 6 de abril de 1625, a luta tornou-se cada vez mais intensa e, segundo Frei Vicente do Salvador, testemunha ocular, *durante vinte e três dias não se passou um quarto de hora, de dia e de noite, sem que se ouvisse o estrondo de bombas, esmerilhões e mortuetes de parte a parte*.

O invasor capitulou, perante a evidência da inutilidade de reação, no dia 30 do mesmo mês de abril.

Entregou Salvador com todos os seus valores, além do armamento e munições, navios, escravos, e libertou os prisioneiros. Em contrapartida, foi-lhe permitido retornar à Holanda com a roupa, suprimentos para três meses, armas e munições para a defesa na viagem. Os oficiais conservaram as espadas.

A 1º de maio de 1625, D. Fadrique de Toledo, à frente de bravos luso-brasileiros da Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo e das poderosas tropas trazidas da Espanha, entrou triunfalmente em Salvador, antes que a dominação holandesa completasse um ano.

INVASÃO DE PERNAMBUCO 2º PERÍODO

O corsário holandês Peter Heyn capturou, nas Antilhas, a Frota de Prata, da Espanha, equivalente a mais que o dobro do capital inicial da Companhia das Índias Ocidentais. Isso animou-o a realização de mais uma invasão do Brasil.

Escolheram Pernambuco, próspera capitania hereditária e não real, menos defendida do que a Bahia, mais próxima da Europa e do litoral africano.

Além disso, existia o porto de Recife, base naval natural excelente, capaz de abrigar e proteger enorme esquadra de ataque.

Baseados em Recife, acreditavam dominar e manter o Brasil com poucos gastos, arruinar a navegação luso-espanhola na costa e se apossar, através de ações de corso, de fabulosas riquezas transportadas da América do Sul para a Europa, por Espanha e Portugal.

Com poucos gastos, poderia Recife tornar-se inexpugnável contra investidas vindas de terra, desde que mantivessem em seu poder o controle do acesso marítimo.

Tal apreciação estratégica foi válida, pois essa base naval e terrestre resistiria durante 24 anos, até que os holandeses perdessem a supremacia naval na área para a Inglaterra.

Assim, em Pernambuco procuraram não o açúcar, mas uma base naval e terrestre inexpugnável por terra, o Recife, protegida por dois enormes fossos naturais, os rios Capibaribe e Beberibe. Essa é a real visão da escolha de Pernambuco, no estratégico Saliente Nordestino.

O povo pernambucano não era dado a tratados de "mútua amizade e aliança" com o dominador, pois após um século de colonização portuguesa, já possuía acendrado amor à terra e aos seus símbolos. A grande maioria

do povo pernambucano já comungava do ideal luso-espanhol - a dilatação da fé e do império.

O Governador de Pernambuco, Matias de Albuquerque, ao saber da pretendida invasão fez tudo ao seu alcance para transformar Recife e Olinda em fortes praças de guerra.

A Conquista de Recife e Olinda

No dia 15 de fevereiro de 1630, apresentou-se ameaçadora, frente a Recife, a poderosa esquadra holandesa ao comando do Almirante Hendrick Loneq, Compunha-se de 50 navios, com total de 7.000 homens.

O invasor sabia que o irrisório efetivo luso-brasileiro não poderia cobrir toda a costa pernambucana e que os defensores não haviam recebido reforços da metrópole.

Enquanto a maior parte da esquadra duelava com os

caram tranqüilamente, sem nenhuma reação, na desguarnecida praia de Pau Amarelo.

No dia 16 de fevereiro, pela manhã, o invasor iniciou a progressão rumo a Olinda com três regimentos. A resistência em Olinda foi feroz, mas desigual. Recife foi atacado, em 20 de fevereiro e o Forte São Jorge reagiu bravamente, sob a liderança de Antônio Lima. O inimigo atacou o Forte São Jorge em 1º de março. Para esmagá-lo e seus bravos defensores, concentra uma tempestade de granadas, lançadas de canhões do mar e de terra. Os pernambucanos não desanimaram, redobram em coragem e firmeza, repelindo todos os ataques durante um dia. A 2 de março, após algumas horas de bombardeio, Antônio Lima constatou que se haviam desmoronado as muralhas do Forte e desmontados os canhões, com grande número de mortos e

O povo Pernambucano não era dado a tratados de "mútua amizade e aliança" com o dominador pois, após um século de colonização portuguesa, já possuía acendrado amor à terra e aos seus símbolos.

defensores de Recife, 16 navios com 3.000 homens velejaram para o norte, sob o comando do Coronel Waerdenburg. Desembar-

feridos entre seus bravos, em função do fogo inimigo.

Rendeu-se assim o Forte de São Jorge diante da esmagadora superioridade bé-

lica inimiga. Porém mostrou ao Coronel Waerdenburg, conforme ele escreveu à Holanda, *que os soldados desta terra são vivos e impetuosos e não são de nenhum modo cordeiros, e não, como julgara antes, fáceis de serem atraídos a mútua amizade e aliança.*

Após a rendição do Forte de São Jorge os holandeses, esperando ansiosamente a rendição de numerosa guarnição, ficaram surpreendidos e desconcertados, quando viram sair das ruínas, altivo, o bravo Antônio Lima acompanhado de meia dúzia de sobreviventes.

Recife foi ocupada a 3 de março de 1630, após quinze dias de resistência memorável e comovente. Mas os pernambucanos não renunciaram à luta. Matias de Albuquerque proclamou para toda a capitania a disposição de lutar até a morte.

Reunindo todos os bravos solidários com a sua atitude, em local onde se uniam muitos dos caminhos que de Olinda a Recife demandavam o interior, estabeleceu em curto prazo o Arraial do Bom Jesus. Forte construído com sólidos baluartes e bem protegido por formidáveis trincheiras e fossos, resistiria, impávido, durante cinco anos,

às arremetidas e à ânsia de conquista do invasor.

O sistema defensivo foi completado com o estabelecimento de um anel de cerco em torno de Recife e Olinda, constituído de estâncias, para evitar que o inimigo sáísse impunemente de Recife para abastecer-se de água e lenha.

Esse conjunto fazia parte, ao mesmo tempo, do sistema de defesa do interior pernambucano a da linha de bloqueio terrestre de Olinda e Recife.

Era uma solução brasileira estratégica, inteligente e criativa para o problema militar, e uma manifestação de doutrina militar terrestre genuína ou brasílica.

Os holandeses se fortaleceram. Construíram os Fortes do Brum e das Cinco Pontas, até hoje existentes. Tal trabalho de fortificações não foi calmo e tranqüilo. Os luso-brasileiros organizaram emboscadas e, a toda a hora do dia e da noite, desfecharam ousados e mortíferos golpes-de-mão contra o inimigo. Ao invasor não foi permitido andar despreocupado, mesmo em seus domínios. A morte rondava seus passos, quando se aventurava sair das fortificações. A ligação terrestre Olinda-Recife transformou-se

em estrada fatal para os holandeses.

Em conseqüência, plantados na terra, dela nada usufruíam para a subsistência e manutenção da conquista.

Sua alimentação tornou-se dependente da Europa ou de alguma expedição corsária sobre o litoral. A terra e os filhos de Pernambuco negavam tudo ao invasor, tornando-lhe a vida um inferno.

Nas estâncias de cerco de Recife e Olinda, os defensores revessavam-se na enxada e no arcabuz, plantavam e lutavam.

Segundo Lopes Santiago *o mantimento era escasso, sucedendo, muitas vezes, os soldados não terem uma espiga de milho para a ração.*

O invasor era reforçado continuamente. Até o final de 1630, chegaram a Pernambuco 3.500 homens.

Para os defensores, nada foi enviado da Metrópole, em um ano e meio.

No início de 1631, fundeu em Recife a esquadra de Adrian Jansen Pater, composta de 16 navios e cerca de 1.000 homens. A 13 de julho, aportou em Salvador a esquadra luso-espanhola, sob o comando de D. Antônio de Oquendo, cons-

tituída de 32 navios com 2.000 homens.

Em 12 de setembro, as duas esquadras se enfrentaram em Abre Olhos (Abro-lhos), resultando em vitória espanhola. Ela possibilitou ao Arraial do Bom Jesus (Velho) ser reforçado com tropas do Príncipe de Bagnuoli.

Golpes-de-mão mais audazes foram desferidos contra o inimigo, que passou a temer o duplo ataque por terra e por mar. Tratou então de abandonar Olinda e fortificar-se ainda mais em Recife. Antes do abandono de Olinda, propuseram entregá-la mediante pesado resgate, caso contrário, a arrasariam.

Matias de Albuquerque, o primeiro brasileiro a ser general de Portugal, assim respondeu:

Os pernambucanos, com armas na mão, não compram, conquistam. Sabem dar cargas de balas de mosquete e não de caixas de açúcar. Com os inimigos a quem falta a fé são instáveis os contratos que firma o sangue, e de nenhuma firmeza os que afiança a palavra. Queimai Olinda, se a não podeis guardar, que nos saberemos edificar outra melhor.

E concluía que desejava deixar na lembrança de Per-

nambuco, por todos os tempos futuros, os triunfos da capitania e o castigo que sofreria o invasor.

No dia 25 de novembro de 1631, os bravos heróis da resistência, com lágrimas nos olhos e a revolta na alma, viram ser consumida pelas chamas a bela, rica e majestosa capital de Pernambuco, fruto de quase um século de trabalhos árduos e sacrifícios ingentes.

A soldadesca batava estava desiludida com essa maneira de guerrear que consumia vidas, roubava tempo e poucos resultados apresentava.

Quando o desânimo começou a lavrar entre eles, desertou para suas fileiras e passou a auxiliá-los o pernambucano Domingos Fernandes Calabar. Sua deserção mudou o curso da guerra. Hábil e astuto nas emboscadas, passou a guiar o inimigo desvendando-lhe os segredos da terra que lhe servira de berço. Ensinou-lhe a guerra brasileira.

E teve lugar a campanha expansionista da conquista.

Durante essa vitoriosa campanha expansionista, destacou-se a brava resistência no Rio Formoso, um Forte comandado por Pedro Albuquerque, que dispunha de 20 homens.

Intimidados à rendição, responderam que lutariam até o último alento de vida.

Na quarta investida, o inimigo penetrou na fortificação e encontrou os corpos dos seus 20 bravos defensores, que cumpriram com honra e glória o juramento que fizeram, num protesto contra a invasão. Pedro de Albuquerque, ferido, entre eles.

O chefe Von Schkoppe comoveu-se com a bravura e heroísmo daqueles homens e apontou o belo exemplo a seus soldados. Ao ver Pedro de Albuquerque caído, mas com a espada empunhada, um combatente holandês correu para tomar-lhe a espada.

Von Schkoppe, ao perceber, gritou: *Alto! Não se toma a espada gloriosa de um herói.* Pedro de Albuquerque foi socorrido e tratado com grande respeito. Concederam-lhe liberdade, sob palavra, até partir para Lisboa.

Que grande diferença de atitude, a do pernambucano Calabar, guiando o inimigo sobre o Rio Formoso e a da legendária e heróica reação do bravo pernambucano e seus 20 heróicos soldados do Rio Formoso!

O valente defensor morreu como Governador do Maranhão. Seus restos en-

contram-se em Belém do Pará, na Igreja N. S. do Carmo.

A 24 de março de 1633, guiados ainda por Calabar, 1.200 holandeses atacaram, de surpresa, o Arraial do Bom Jesus. Luís Barbalho e outros bravos capitães contra-atacaram, fora do Forte, com tremenda violência. Repeliram a tentativa, ocasionando pesadas baixas. O próprio governador holandês, ferido mortalmente, faleceu logo após.

A guerra alcançou estágio bárbaro e desumano. Foi celebrado um acordo para coibir a selvageria. Proibiram-se a queima de templos, a fortificação de igrejas, a destruição de imagens, o tiro com armas de cano raiado, balas envenenadas e mastigadas, ofensas a prisioneiros e a execução de padres, crianças e mulheres.

E a expansão holandesa se acelerou. Em 12 de dezembro, capitulou o Forte dos Três Reis Magos e ficou a Paraíba entre fogos cruzados. Mas os luso-brasileiros se faziam presentes onde o inimigo tentasse um desembarque.

Devia-se isto à excelente posição estratégica do Arraial de Bom Jesus (Velho)

onde se concentrava o esforço defensivo dos pernambucanos, combinado com excelente rede de espionagem, no Recife. Assim que Matias de Albuquerque descobria a saída da esquadra holandesa para determinado ponto do litoral, enviava reforços do Arraial para o ponto ameaçado, os quais chegavam juntos com os navios do invasor.

Na noite de 1^a de março de 1634, desferiu ousado golpe-de-mão sobre Recife o célebre Capitão Martim Soares Moreno. Era o que se denominaria, hoje, uma operação de comando. Ele visava a incendiar a povoação e a destruir suprimentos. Com 500 homens, atacou o porto em pontos diferentes. A incursão espalhou morte, confusão e terror entre defensores, por atingir o interior do recinto fortificado.

Após o período de resistência épica, disputa furiosa e o cerco de um mês, em 8 de abril de 1635 o Arraial de Bom Jesus (Velho) capitulou.

Cumprira com o dever, como quartel-general da resistência ao invasor, por 5 anos, quando seus defensores escreveram página imortal com muito sangue, vidas, fome, renúncias, heroísmo e

sacrifícios. Nele, a alma vigorosa do povo, catalizada pelo ideal de defesa da terra e da fé católica, reuniram-se para um longo, sofrido, imortal e épico protesto contra a invasão da terra brasileira.

Renderam-se com dignidade, esgotadas a alimentação e a munição, e perdidas as esperanças de receberem qualquer auxílio. Não há na longa história de Guerra Holandesa símbolo mais significativo do espírito de resistência. Por isso, as ruínas existentes no atual Recife, no sítio da Trindade, devem ser percorridas com respeito e reverência patriótica por todos os que as visitarem. Os bravos que ali se bateram deram expressiva contribuição, no passado distante, para a conquista dos elevados objetivos de soberania, integridade, integração e preservação dos valores morais e espirituais do Brasil.

Sob a liderança de Mathias de Albuquerque, deu-se a retirada para Alagoas. O percurso foi marcado por túmulos e cruzeiros de muitos retirantes que sucumbiram ao longo do caminho, de cansaço, fraqueza, fome e doença.

Era o *êxodo dos que não desesperavam*, na expressão de Capistrano de Abreu.

Perderam aqueles bravos uma batalha. Muitos retornariam para ganhar a guerra decisiva. Muitos tiveram a ventura de voltar.

Na retirada, reconquistaram Porto Calvo, onde prenderam o traidor Calabar. Este, submetido a julgamento, foi condenado à morte. A

Na realidade, as operações do General D. Rojas, marcadas de modo tão trágico no campo tático, foram, no campo estratégico, de brilhantes conseqüências. Obri-garam o inimigo a abandonar Porto Calvo mais uma vez, interrompendo, assim, a execução do seu plano de criar

a liderança dos mais bravos e experimentados capitães. Elas irromperam, inesperadamente, em todos os pontos do território ocupado, destruindo canaviais, tomando recursos, punindo colaboracionistas e mantendo viva, nas populações subjugadas pelo invasor, a esperança de liberdade.

Não há na longa história de Guerra Holandesa símbolo mais significativo do espírito de resistência. Por isso, as ruínas existentes no atual Recife, no sítio da Trindade, devem ser percorridas com respeito e reverência patrióticas por todos os que as visitarem.

coluna do sofrimento e da humilhação assistiu à sua execução e ao seu esgarçamento.

A coluna de Matias de Albuquerque reuniu-se à tropa do Conde Bagnuoli, em Alagoas. Em 18 de janeiro de 1863, teve lugar a Batalha de Mata Redonda, onde foi morto em combate D. Rojas y Borja, substituto de Mathias de Albuquerque, que fora chamado à Europa. Sem liderança, os luso-brasileiros retiraram-se e só não se completou o desastre tático, graças aos bravos Rebelinho e Felipe Camarão. Estes, na cobertura da retirada, praticaram prodígios de audácia e valor, criando condições para que os destroços do exército fossem acolhidos em Porto Calvo.

uma zona mortal ao sul do Rio Manguaba.

Ocupada fortemente a região pelos nossos, ficava o invasor, com sua via de transporte terrestre, se não cortada, pelo menos seriamente ameaçada.

Bagnuoli assumiu o comando e concentrou a resistência em Porto Calvo, cobrindo-se da direção norte, na linha do Rio Una.

A localidade atraiu para ela quantos desejavam lutar contra o invasor, reunindo 2.000 homens. Tornou-se então o mais poderoso baluarte da resistência, centro de irradiação de lutas e última esperança de vitória dos holandeses.

Foram organizadas Companhias de Emboscadas, sob

O inimigo perdeu a possibilidade de locomover-se na conquista. Em todo canto, hora e lugar, a morte rondava-lhe os passos, sob a forma de flecha, espada ou bala.

As iniciativas de soerguimento econômico da lavoura canavieira pelo invasor eram frustradas por essas emboscadas, que tudo incendiavam e destruíam como estratégia do fraco contra o forte.

GOVERNO DE MAURÍCIO DE NASSAU 3º PERÍODO

Em 23 de janeiro de 1637, desembarcou no Recife o Príncipe Maurício de Nassau. Ao chegar, reconheceu que era essencial eliminar o último foco de resistência - Porto Calvo. Essa condição era essencial para restabelecer a segurança no campo, visando ao soerguimento da lavoura canavieira, além de destruir as derradei-

ras esperanças dos pernambucanos na reconquista da terra.

Em 3 de março de 1637, caiu em suas mãos Porto Calvo, depois de uma luta desigual de 10 x 1, com sítio terrestre que durou 15 dias e que contou com o bombardeio com canhões de grosso calibre. Bagnuoli, forçado por Nassau, retirou-se para o sul do Rio São Francisco.

Após neutralizar Porto Calvo e expulsar Bagnuoli para o sul do São Francisco, na sua margem esquerda, Nassau levantou dois Fortes, consolidando assim a conquista.

A Holanda dominava, agora, imenso, rico e estratégico território do Brasil, desde o Rio Grande do Norte até o Rio São Francisco.

As perspectivas de rápida recuperação econômica da capitania, combinadas com a tolerância religiosa mínima e o clima de respeito aos moradores, fizeram arrefecer um pouco o sentimento de revolta dos luso-brasileiros para com o invasor.

Em consequência, Nassau criou ambiente tranqüilo em torno da base naval do Recife. Isso feito, aplicou-se a estender o domínio da Holanda ao restante do Brasil.

Em 1º de maio de 1658, Nassau atacou a Bahia, em Salvador. Ao ultimato endereçado aos baianos, teve como resposta:

As cidades de el-rei não se rendem senão com balas e espada na mão e depois de muito sangue derramado.

Nassau não conseguiu situar completamente a praça, deixou abertas algumas comunicações com o interior.

No dia 18 de maio de 1638, 3.000 holandeses investiram as trincheiras com fúria. No mais aceso da peleja, acometeu a retaguarda inimiga, de surpresa, o bravo Capitão Luís Barbalho.

O contra-ataque obrigou o invasor a retirada precipitada, causando muitas baixas em suas fileiras. A 26 de maio de 1638, por ter se tornado insustentável a permanência na Bahia, Nassau retornou a Pernambuco, humilhado com o insucesso da expedição.

Na defesa das trincheiras de Salvador, morreu o intrépido Capitão Sebastião Souto, considerado um mestre da arte de guerra de emboscada.

Sucedeu-lhe, no comando e na fama, nesse tipo de guerra, Antônio Dias Cardoso, que tão assinalados serviços iria prestar à continuação da luta.

Essa expedição de Nassau era o terceiro malogro dos holandeses, no sentido de ocupar território baiano.

O Recôncavo estava defendido por onze Fortes e a cidade envolvida por muralhas protegidas por trincheiras. Salvador era agora, *jardim com fortes muros e tesouro muito bem garantido*. Aprendera muito com a invasão de 1624.

Em janeiro de 1639, aportou em Salvador a esquadra do Conde da Torre, que vinha incumbido de libertar Pernambuco. Enviou líderes em emboscadas para a Paraíba e Pernambuco, a fim de atrair o invasor para o interior.

Recrutou tropas no sudeste, inclusive o bandeirante Raposo Tavares, que liderou tropa expedicionária vinda de São Paulo e Rio de Janeiro.

Ao tentar desembarcar em Pau Amarelo, o Conde da Torre foi impedido pela esquadra invasora. Perseguido, aceitou combater e foi batido. Foi um grande desastre.

Parte da esquadra do Conde da Torre foi desembarcada em Ponta do Touros, no Rio Grande do Norte. A tropa desembarcada era comandada por Luís Barbalho e integrada por Henrique Dias e combatentes sultistas,

ao comando de Raposo Tavares. Decidiram abrir caminho de volta à Bahia a ferro e fogo, percorrendo 400 léguas de território acupado pelo inimigo.

Ao fim de quatro meses de épica marcha na retaguarda inimiga, assinalada por combates e padecimentos, entraram triunfantemente em Salvador, após vencerem inúmeros obstáculos, relatados por Luís Barbalho e Henrique Dias, em documentos revelados por José Antônio Gonçalves de Mello Neto, historiador pernambucano.

Comandou esse feito, e com ele se imortalizou, Luís Barbalho, atualmente denominação histórica da unidade de Infantaria de Feira de Santana, na Bahia.

Esses bravos, liderados por filhos da terra brasileira, salvaram de destruição a força expedicionária. Chegaram em tempo à Bahia para fazer malograr uma expedição punitiva. Reacenderam a chama da reação e causaram grandes prejuízos no plano de Nassau de recuperação econômica de Pernambuco. Legaram às gerações brasileiras exemplo imortal de responsabilidade na defesa da terra.

Dessa marcha, participaram tropas de São Paulo, do Rio de Janeiro e de outras capitânicas do Sul, que já ofereciam, no passado distante, magnífico exemplo de solidariedade e integração, uma constante na história militar do povo brasileiro.

Em março de 1640, Nassau enviou à Bahia uma expedição punitiva de 1.300 homens.

Em fevereiro de 1641, chegou ao Brasil a notícia da restauração do Trono de Portugal por D. João IV, pondo fim à união das Coroas. Impossibilitado de sustentar guerras contra a Holanda e a Espanha, Portugal concordou em celebrar um tratado de aliança ofensiva e defensiva com a Holanda e um armistício de dez anos nas lutas das colônias. Reconheceu a conquista de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e acedeu na cessação das hostilidades contra os holandeses no Brasil, enviando determinação expressa nesse sentido. A Holanda comprometeu-se a não expandir suas conquistas no Brasil durante dez anos.

Enquanto isso fora acordado entre Portugal e Holanda, Maurício de Nassau expandiu a conquista no Sergipe, em 1641, e no Ma-

ranhão, e fez publicar o tratado, só dois anos depois.

Nassau mandou recensear as populações das vilas, para controlá-las rigorosamente e, assim, descobrir com base em sua movimentação, a presença de companhias de emboscadas partidas da Bahia e da insurreição pernambucana em marcha.

Aos luso-brasileiros, ficou assegurado tratamento de confiança e sem constrangimentos. Essa foi a deixa para o Governador da Bahia enviar agentes para agitar Pernambuco e ajudar a planejar a insurreição dessa província.

A resistência heróica dos luso-brasileiros havia debilitado os negócios da Companhia das Índias no Brasil. Nassau partiu para a Holanda em julho de 1644. Antes, em 28 de fevereiro desse ano, com o concurso do Pará, o Maranhão libertara-se do jugo holandês.

A insurreição estava em marcha no Nordeste. Os holandeses, para atrair os índios para a sua causa, concedeu-lhes liberdade ampla e total. E estes passaram a guerrear os luso-brasileiros com crueldade. No Rio Grande do Norte, eles os massacraram quando reunidos

numa igreja, em Cunhaú, matando-os barbaramente – inclusive alguns tiveram os corações arrancados pelas costas. Isso incendiou o ânimo dos luso-brasileiros.

A INSURREIÇÃO PERNAMBUCANA 4º PERÍODO

Os luso-brasileiros prosseguiram na luta, a despeito de ordens em contrário de Portugal. Com esforço hercúleo, vontade inquebrantável, fé, sacrifícios indescritíveis e processos de combate genuinamente brasileiros, criariam condições para a recuperação de Pernambuco e Angola para Portugal, além de preservarem a unidade física e espiritual do Brasil.

Por essa razão, esse período, que poderia ser chamado Epopéia Brasílica, reveste-se da maior relevância, do ponto de vista da nacionalidade brasileira e das origens do Exército Brasileiro, cujo dia foi consagrado, pelo Presidente Itamar Franco, por proposta do Ministro do Exército, General-de-Exército Zenildo de Lucena, como o 19 de abril, lembrando a vitória luso-brasileira na 1ª Batalha dos Guararapes.

Em 1945, a Força Expedicionária Brasileira (FEB)

que integrou, na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial, o V Exército dos EUA, ao retornar vitoriosa ao Brasil, depositou os louros da vitória no campo de batalha dos Guararapes. Na ocasião, o seu comandante, General Mascarenhas de Moraes, proferiu estas palavras imortais: *Nestas colinas sagradas, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da nação brasileira.*

Causas da Insurreição

Podem-se apontar, nos parágrafos abaixo, as causas da Insurreição Pernambucana:

- Insolvência de dívidas de luso-brasileiros e holandeses, em decorrência do fracasso da lavoura canavieira, por circunstâncias adversas de toda ordem, determinando a queda das ações da Companhia das Índias Ocidentais, do valor nominal de 100 para 33.

- Agravamento da situação, por especulações extorsivas praticadas por comerciantes estrangeiros de Recife, operando em mercado paralelo à Companhia e fora do controle desta.

- Antagonismo religioso (católicos x calvinistas), exa-

cerbado com a partida de Nassau.

- Rivalidade de moradores luso-brasileiros e holandeses do campo *versus* Companhia e comerciantes de Recife, por terem ficado reduzidos, os primeiros, à condição de escravos econômicos dos segundos, em razão da insolvência de suas dívidas.

- Expansionismo da Holanda, ameaçando conquistar todo o Brasil e domínios de Portugal na África, em desrespeito ao tratado celebrado, aproveitando-se da fraqueza militar de Portugal, em guerra contra a Espanha.

- Malquerença política irreversível, pernambucanos x invasores, resultado de seis anos de luta cruel e feroz pela posse da terra, sentimento abrandado com Nassau e exacerbado após sua partida, com o tratado com os índios.

- Fraqueza militar do invasor em Pernambuco, reduzido em seus efetivos, em consequência de armistícios e compressão de despesas.

Desdobramentos da Insurreição

Para responder à astúcia do conquistador, Portugal e

patriotas elaboraram um plano secreto, que objetivava a conquista rápida de Recife, com a finalidade de expulsar os holandeses que, sem respeitar o tratado, continuavam expandindo suas conquistas no Brasil e na África.

Devia ser demonstrado, por todos os meios, que a Insurreição era iniciativa única dos patriotas de Pernambuco e à revelia de Portugal e da Bahia, tudo dentro da realidade diplomática da época, em que as pessoas não correspondiam às ações.

Se descoberto o apoio e incentivo de D. João IV ao plano, ficava em perigo a própria independência de Portugal.

Uma esquadra sob o comando do Almirante Salvador Correia de Sá e Benevides seria enviada para as águas de Recife, simulando intenção de auxiliar os holandeses a debelar a insurreição, mas, na realidade, visando a desembarcar e consolidar a conquista dos insurgentes.

Enquanto isso, Portugal, através de manobras diplomáticas habilidosas, procuraria mostrar inocência na intervenção, para evitar abrir frentes de luta com a Holanda, pois já guerreava com a Espanha.

Da Bahia, foi enviado o Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso para, em 6 meses, antes do início da Insurreição, organizar e treinar secretamente o exército patriota na mata do Brasil, em íntima ligação com o líder civil do movimento em Pernambuco, João Fernandes Vieira, que mantinha contrato com o invasor para a exploração do pau-brasil.

Aquela região eleita, base de guerrilhas patriotas, compreendia os atuais municípios de Vitória de Santo Antão, São Lourenço e Nazaré da Mata, onde era explorado o pau-brasil sob a direção e controle de Fernandes Vieira.

Completo-se o apoio externo pelo envio, para Pernambuco, das tropas de Felipe Camarão e de Henrique Dias, simulando-se que o primeiro se havia rebelado e que o segundo fora mandado em seu encalço para prendê-lo e recambiá-lo para a Bahia.

Dias Cardoso fora um bravo e experimentado militar, veterano das lutas do período 1624-1641. Hoje é denominação histórica do Batalhão de Forças Especiais do Exército, pela semelhança da sua missão com as destinadas às Forças Especiais, circunstância que por muito tem-

po prejudicou o reconhecimento público de sua ação, por razões diplomáticas.

Possuía excepcional folha de serviços, aliada à reputação de mestre na arte da guerra de emboscadas. Profundo conhecedor da região, era estimado e respeitado, pela sua bravura, intrepidez e valentia, por Vidal de Negreiros, Camarão, Henrique Dias e pelo próprio Fernandes Vieira.

João Fernandes Vieira assim resumiu a vida desse bravo, desde sua chegada até a insurreição:

Deu cumprimento às ordens que possuía, com fervor necessário a tão importante missão, começou a atrair e adestrar militarmente o povo para a sua insurreição em diversos locais, dispendendo com isto sete meses, todos passados nas matas (do pau-brasil) ao rigor do tempo, para fugir ao inimigo que se pôs a buscá-lo, colocando em grande perigo sua vida.

No dia 23 de maio de 1645, 18 líderes insurretos firmaram o seguinte compromisso sagrado: *nós abaixo assinados nós conjuramos e prometemos, em serviço da liberdade, não faltar a todo o tempo que for necessário, com toda ajuda*

de fazendas e de pessoas, contra qualquer inimigo, na restauração da nossa Pátria; para o que nos obrigamos a manter todo o segredo que nisto convém, sob pena de quem o contrário fizer, será tido como rebelde e traidor e ficará sujeito ao que as leis em tal caso permitam.

Surgia assim, pela primeira vez no Brasil, a palavra Pátria e a firme disposição de restaurá-la, a despeito mesmo de interferências contrárias de Portugal.

Faltando poucos dias para a insurreição, os patriotas foram traídos, e caiu por terra o plano de conquista rápida do Recife.

Ao ser ordenada a prisão dos líderes, não foram estes encontrados. Perseguidos, os patriotas, reunindo 1.600 homens do povo e com 250 armas, encetaram sua marcha, em 13 de julho de 1645, que foi engrossando pelo caminho com novas adesões, sob forte pressão inimiga.

No Sítio do Covas, em que os patriotas acamparam 22 dias, surgiu séria disputa pela liderança, que foi vencida por Fernandes Vieira. E prosseguiram sob fortíssima pressão.

A 3 de agosto de 1645, travou-se, no Monte das Tabo-

cas, em Vitória de Santo Antão, o primeiro encontro entre um contingente do Exército holandês a serviço da Companhia das Índias Ocidentais e o Exército Patriota, constituído, principalmente, de civis

obrigada a retrair, através de uma única passagem no áspero e impenetrável tabocal que corria na base do Monte, envolvendo-o pelo oeste e pelo sul.

O inimigo atravessou o rio

Surgia, pela primeira vez no Brasil, a palavra Pátria e a firme disposição de restaurá-la, a despeito mesmo de interferências contrárias de Portugal.

pernambucanos sob a assessoria profissional do Sargento-mor (major) Antônio Dias Cardoso.

Dias Cardoso, ao perceber a aproximação do inimigo, do Monte das Tabocas despachou em sua direção pequena força de cobertura, ao comando do Capitão João Nunes da Mata, com a finalidade de atraí-lo para o citadão Monte.

O inimigo bateu e dispersou essa força, prosseguindo até a margem do Rio Tapacurá, quando carregou, com enorme alarido e estrondo, sobre a vegetação da margem, ao imaginar que ali existissem emboscadas.

A vanguarda atravessou o rio e Dias Cardoso foi ao seu encontro, a fim de atraí-lo às emboscadas que preparara com o intrépido Capitão Agostinho Fagundes e 40 homens.

Após oferecer alguma resistência, essa fração foi

e tomou formação de combate, numa larga campina entre a margem do Tapacurá e o tabocal. A seguir, com um flanco apoiado em cada lado, progrediu em direção à passagem do tabocal, de onde saíria novamente Agostinho Fagundes em seu encontro. Tinha caído na armadilha de Dias Cardoso: três emboscadas lhes esperavam!

Atrás da trincheira vegetal de 15 metros de espessura e com um único acesso para dois homens lado a lado, Dias Cardoso adotou o seguinte dispositivo: cerca de 90 armas em linha, ao longo do tabocal, em posições de tiro previamente preparadas, constituindo as emboscadas; reserva de aproximadamente 50 homens em duas frações, em condições de reforçar as emboscadas ou a defesa da entrada da trincheira natural formada pelo tabocal; o restante das armas, 110,

distribuiu-as com a força de cobertura, com Agostinho Fagundes e frações de segurança de retaguarda e flancos; com a reserva, composta de 1.350 homens, para a defesa de Fernandes Vieira, deixou 30 armas.

A vanguarda inimiga, após grande resistência, obrigou Agostinho Fernandes a retrair e infiltrar-se no tabocal. Parte do corpo de batalha conseguiu penetrar na passagem estreita, por cuja posse se travou luta feroz e demorada, sob a direção de Dias Cardoso. Este substituiu os combatentes mais cansados pelos menos cansados, até que repeliu o atacante.

A tentativa de envolvimento foi evitada pela segurança de retaguarda e por um atirador isolado da proteção de flanco. Este atingiu, mortalmente, o comandante da vanguarda, Capitão Falloo.

Após se reorganizar, o inimigo partiu para outro ataque em toda a frente, visando a penetrar ao longo da linha do tabocal. Progrediu e conseguiu, após muita luta, introduzir-se em diversos pontos da linha de resistência, isolando e fixando seus defensores, inclusive Dias Cardoso, que os investiu bravamente.

Fixada parte das tropas dessa linha, o inimigo come-

çou a adiantar-se em direção ao alto do Monte, onde se encontrava a reserva desarmada, constituída do povo e sob a direção do Capitão Padre Simão de Figueiredo e do próprio governador da insurreição, Fernandes Vieira.

Na eminência do perigo, este conclamou o povo ao esforço derradeiro, à luta pela honra de Deus. Prometeu liberdade a 50 escravos de sua guarda pessoal que se mostrassem valorosos no combate. Os escravos, na perspectiva de liberdade, desceram o Monte em duas partes, armados com arcos, flechas, lanças e facões, tocando flautas, atabaques e buzinas.

Na esteira desses bravos, veio todo o povo, com os mais variados tipos de armas, na maioria instrumentos de trabalho. E o contra-ataque transformou-se num corpo-acorpo, feroz e desordenado, com patriotas a surgir de todas as direções, lançando-se aos magotes sobre o inimigo, obrigando-o a bater em retirada. Venceram os insurretos. *Graças ao Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso e mediante favor divino, alcançamos vitória, tudo alcançado, após Deus, pela boa ordem com que Dias Cardoso dispôs a batalha, dando a todos os ofi-*

ciais muito exemplo com sua militar doutrina e conhecido esforço que, em quatro horas de batalha, mostrou sem descansar, acudindo a todas as partes com bravo ânimo, como atestou o líder político Fernandes Vieira.

Em 17 de agosto de 1645, o Exército Patriota reforçado e com moral elevado, atacou a Casa Forte. Coube a Antônio Dias Cardoso a concepção e disposição do ataque ao engenho de Ana Pais. Após breve período de combate, renderam-se os remanescentes do exército da Companhia, efetivo de 450 homens, entre índios e brancos. Aos 250 holandeses foi dado quartel e condições de regresso à Europa. Os índios, somando 200, foram justicados sob o argumento de traição à fé católica, conforme as leis de guerra da época, e como exemplo aos demais. Punia-se assim, também, o massacre do Cunhaú, no Rio Grande do Norte.

E o incêndio patriota se alastrou, com vitória atrás de vitória e adesões em massa à insurreição. Resistiam, em mãos do invasor de Recife, a Ilha de Itamaracá e os Fortes dos Três Reis Magos e Cabedelo, no final de 1644.

Falhou no plano de D. João IV em relação à queda rápida do Recife. Sem o concurso de artilharia de sítio, Recife era fortaleza inexpugnável, por estar separada da terra por largos e profundos fossos – os rios Capibaribe e Beberibe. Não foram aprisionadas as autoridades holandesas, cujo resgate seria a entrega de Recife, conforme o plano insurrecional inicial.

A 12 de agosto de 1647, D. João IV, vencido na luta diplomática, decidiu mandar restituir o que os patriotas haviam tomado no Brasil, com a condição de ser-lhe devolvida a Ilha de Itaparica. Perigavam a independência de Portugal e todo o esforço dos patriotas no Brasil.

A luta no Brasil prosseguiu e a ordem para a sua cessação, emanada de Portugal, recebeu a seguinte resposta dos patriotas:

Combateremos até o fim, e somente após expulsar o invasor, iremos a Portugal receber o castigo pela nossa desobediência.

Não contando com o bloqueio naval de Salvador de Sá e sendo inútil qualquer tentativa de reconquistar Recife, decidiram os patriotas cercá-la por terra.

Foi construído o Arraial Novo do Bom Jesus, onde

se abrigaram os patriotas e a alma da resistência. Recife foi cercada por estâncias, as quais tinham a missão de alixar o inimigo e retardá-lo, até o recebimento de reforços do Arraial, em caso de rompimento do cerco ou de ataque a qualquer delas. Os patriotas ficaram com liberdade total no interior e mais com o porto de Nazaré para comunicar-se com o exterior e receber reforços.

Na madrugada do Ano Novo de 1646, Recife foi acordada com o troar ensurdecido dos canhões do Arraial, tomados aos holandeses em Porto Calvo. Eles anunciavam ao inimigo a disposição de um povo heróico. *Não vos iludais, senhores, que o Brasil não foi feito para vós, não percais tempo, voltai para casa.* Foi o que disseram os nossos, pela voz de um dos seus chefes.

Do heroísmo e disposição dos bravos do Arraial diz este depoimento holandês:

Apesar de suportarem duramente reveses do mar, muita necessidade de vestidário, de carne e de tudo, e de viverem em contínuo sobressalto, recusaram o perdão que lhes oferecemos. Nenhum veio ter conosco, persistem obstinados em sua rebelião.

À projeção histórica dos Montes Guararapes liga-se intimamente o Arraial Novo do Bom Jesus, abrigo sagrado do espírito de resistência. É hoje chão sagrado da nacionalidade brasileira; sua revitalização estava projetada pelo Exército, em 1997.

O cerco de Recife tornou-se rigoroso em junho de 1646, e a situação da praça angustiada e insustentável. Foi estabelecido racionamento severo para enfrentar a fome com todos os seus horrores. A penúria era tamanha, que atingiu as pessoas mais influentes. Consumiram-se ratos, cães e gatos. Os escravos de holandeses foram vistos desenterrando cavalos mortos de inanição para alimentarem-se. Viram-se oficiais batavos, no leito em vazante do Capibaribe, disputando com o povo um carangueijo.

Quando a praça estava prestes a capitular, chegaram da Europa reforços e víveres. Os holandeses em expedição atacaram mais uma vez Salvador.

Os patriotas pernambucanos, por seu turno, aproveitando o enfraquecimento de Recife, com a saída da expedição à Bahia, urdiram ousado e inteligente plano.

Secretamente, durante vinte e três noites, levantaram a Fortaleza do Asseca, no atual cais da Aurora, nela trabalhando, indistintamente, oficiais, soldados e civis, não tendo sido admitida mão escrava.

Concluída, na manhã de 7 de novembro de 1646, rompeu violentíssimo bombardeio patriota sobre Recife, acompanhado de toques de tambores e gritos.

Do que foi este bombardeio e seus efeitos, diz bem Lopes Santiago:

O inimigo desocupou os sobrados e refugiou-se em abrigos que construiu nas lojas onde passaram a dormir. E as naus holandesas que entravam e saíam pela barra eram atingidas. Essa resolução foi uma das coisas mais importantes que se fez neste Estado.

Uma partida patriota, aproveitando-se da confusão, numa ação típica de comandos, penetrou na praça e invadiu o antigo palácio de Nassau, matando muitos e trazendo diversos troféus.

Tão grandioso feito militar teve enorme repercussão estratégica. Fez Nassau voltar ao Recife de sua expedição da Bahia, retornando assim às mãos dos baianos, sem luta, a Ilha de Itaparica. Ele

criou condições para que aportasse, em Salvador, tranqüila e sem luta, furando o rígido bloqueio naval holandês, uma esquadra portuguesa, com reforços e o novo Governador-Geral D. Antônio Teles de Menezes.

A 24 de abril de 1646, ocorrera em Tejuco-papo, próximo a Goiana, belo e comovente episódio, no qual mulheres e jovens imberbes enfrentaram e venceram uma tropa do invasor com determinação e bravura.

Um desembarque holandês atacara o Fortim Tejuco-papo de pau-a-pique. Percebendo que se desagregara a resistência, o inimigo, a golpes de machado, iniciou a abertura de brechas na paliçada para penetrar no Fortim e trucidar e desonrar seus ocupantes, em represália aos efeitos mortíferos das emboscadas.

Nesse momento crítico, em que o pânico começou a lavrar, destacou-se uma brava mulher, com um crucifixo na mão, percorrendo o reduto. Ela concitou as outras a pegar em armas e correrem à paliçada, para morrerem juntas, lutando pela liberdade divina e pela Pátria. Seu apelo foi atendido. Todas, apanhando foices, porretes e tudo o que estava ao alcance das

mãos, lançaram-se aos magotes, junto com jovens meninas, sobre o adversário, que já penetrava no reduto por brechas abertas na paliçada, obrigando-o a retroceder. Outras começaram a lançar, nos rostos dos invasores que se aplicavam em alargar as brechas, água com pimenta malagueta.

Atacados por reforços, o inimigo desenganjou e reembarcou humilhado e abatido.

Tejuco-papo é um dos poucos episódios conhecidos de participação coletiva armada da mulher e da juventude brasileira em defesa do solo pátrio.

A 23 de janeiro de 1648, fugiu de Recife, onde se encontrava preso havia quase um ano, o mestre-de-campo General Francisco Barreto de Menezes, mandado a Pernambuco por D. João IV para comandar a Guerra da Restauração.

Barreto foi recebido no Arraial Novo do Bom Jesus com grande euforia, e assumiu a chefia das operações. Sua experiência militar decorria, entre outras, da sua participação da epopéia da marcha de Luís Barbalho, do Rio Grande do Norte à Bahia.

A 18 de março, aportou em Recife poderosa esquadra holandesa da Companhia das

Índias Ocidentais, composta de 41 barcos, transportando víveres e 6.000 soldados.

Com esse poderio, o invasor decidiu romper o cerco de Recife e marchar na direção sul, zona de retaguarda patriota, para conquistar o Cabo e adjacências. Isso com a finalidade de controlar bases de suprimentos próximas e afastadas, cortar nesta região o apoio externo aos patriotas e criar condições de prosseguimento por terra, para a conquista da Bahia.

Ao executar esse ambicioso plano, ocorreu a Primeira Batalha dos Guararapes.

A Primeira Batalha dos Guararapes

Ao clarear do dia 18 de abril de 1648, o Exército da Companhia das Índias Ocidentais, ao comando do Tenente-General Von Schkoppe, marchou na direção dos Guararapes, com 6.300 homens.

Ao atingir Afogados fez uma finta, para demonstrar que sua intenção era um ataque ao Arraial Novo do Bom Jesus, para ali fixar os patriotas.

Dias Cardoso, despachado por Barreto para esclarecer a situação, descobriu o verdadeiro propósito inimigo. Em Conselho de Guerra,

os luso-brasileiros decidiram retardar o invasor na Barreta, travar batalha o mais distante de Recife e defender o Arraial do Bom Jesus contra uma ação diversionária tentada pelo inimigo.

Em cumprimento à decisão, o Exército Patriota, composto de 2.200 homens, rumou para o Sul a fim de, em caminho, interceptar o invasor e travar a batalha decisiva.

O General Barreto, prudentemente, confiou aos seus chefes imediatos a condução pormenorizada das ações, pois eles conheciam melhor o terreno e a tática desenvolvida naquela luta – a “guerra brasílica”.

Após um Conselho de Guerra para decidir o impasse entre Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira sobre o local adequado para a batalha, e atendendo à sugestão de Dias Cardoso, *na qualidade de soldado mais prático e experiente em tudo*, rumaram para o Boqueirão dos Guararapes, que foi ocupado às 10 horas da noite de 18 para 19 de abril de 1648.

O exército inimigo, após vencer uma resistência patriota na Barreta, degolando barbaramente muito de seus bravos defensores, seguiu tranquilo e vagaroso para o

Sul, esperando encontrar 200 patriotas à sua frente, da guarnição dos Montes Guararapes.

Na manhã de 19, no momento em que os da Companhia das Índias Ocidentais se aproximavam de Boqueirão, passagem estreita, mas longa, entre o monte central e os alagados em sua base, saiu-lhes ao encontro Dias Cardoso, no comando de 200 homens, enquanto todo o restante do Exército Patriota permaneceu escondido. Com imprudência e entusiasmo, os holandeses desdobraram-se e partiram para atacar a fração de Dias Cardoso, o único inimigo que esperavam encontrar. Este retraiu pelo interior do Boqueirão, tentando envolver, através dos alagados e dos montes, a vanguarda e o corpo de batalha do inimigo.

No momento em que o inimigo progredia nos alagados e, em grande número, no interior do Boqueirão, com drástica redução de frente, teve enorme surpresa, pois caíram em grande emboscada, executada com habilidade por Dias Cardoso, reeditando o seu feito da batalha do Monte das Tabocas, em 17 de agosto de 1645.

O Exército luso-brasileiro até então semi-escondido, à

ordem de “Às espadas!”, atacou inesperadamente e com grande fúria e iniciativa.

O Terço de Pernambuco, o mais forte, ao comando de Fernandes Vieira, assessorado por Dias Cardoso, investiu no Boqueirão, rompeu o grosso inimigo e envolveu a sua ala esquerda (flanco esquerdo) nos alagados.

O de Felipe Camarão assaltou a ala direita (flanco direito) e o de Henrique Dias a ala esquerda, ficando o de Vidal de Negreiros em reserva, junto ao Boqueirão.

O primeiro embate foi vencido, ocasionando muitas mortes e deserções nas fileiras batavas. Refeito da surpresa, o inimigo acomeçou com a retaguarda, forte de 1.200 homens, a ala de Henrique Dias, na proporção de 1 para 3. Contido, foi em seguida atacado vigorosamente pela reserva comandada por Vidal de Negreiros.

Após luta feroz de quatro horas, os patriotas impuseram a retirada ao inimigo, com Von Schkoppe ferido e muitos oficiais mortos.

As perdas holandesas totalizaram 1.038 homens, entre mortos e feridos, contra 480 dos patriotas, dos quais 80 tombaram para sempre, sendo sepultados em lo-

cal à frente de onde foi erigida mais tarde a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres dos Guararapes.

A vitória dos Guararapes nesse dia não foi obra fortuita dos acontecimentos, mas o resultado da ação vigilante e decidida dos chefes, da bravura e do espírito combativo dos soldados que constituíam aquele indomável exército de patriotas.

Nessa data, comemora-se o dia do Exército Brasileiro, por ali haver despertado o seu espírito no concenso de analistas de nosso processo histórico.

A 12 de maio de 1648, partiu do Rio de Janeiro, ao comando de seu Governador, Salvador de Sá Correia de Sá e Benevides, uma expedição composta de luso-brasileiros, com destino a Angola, para devolvê-la a Portugal.

Após furar o bloqueio flamengo ela atingiu a África. Lá, através de vitoriosas manobras militares contra uma força superior e bem fortificada em São Paulo e Luanda, reconquistou aquela possessão, em agosto do mesmo ano. Nucleava esta força o atual Regimento Sampaio. Foi a primeira expedição transcontinental militar brasileira, conforme já divulgado nos artigos “Angola

e a primeira Força Expedicionária Brasileira – 1648”. (*A Defesa Nacional*, 744, jul/ago 1989, p.150) e “A saga do Regimento Sampaio” (*Noticiário do Exército*, nº 8666, 11 jun 1993).

A Segunda Batalha dos Guararapes

A 17 de fevereiro de 1649, 3.650 holandeses, ao comando do Coronel Brinck, decidiram deixar Recife e ocupar os Montes Guararapes. Dali esperavam atrair os luso-brasileiros, com seus 2.640 homens, para uma batalha decisiva. Após uma marcha forçada, estacionaram nos Guararapes, numa cópia da manobra usada pelos patriotas na primeira batalha.

O Exército Patriota, ao ver ocupado o Boqueirão, infiltrou-se durante a noite de 18 de fevereiro, através de passagens existentes a oeste dos montes. Postou-se pela manhã à retaguarda do Exército da Companhia das Índias Ocidentais, sem revelar sua força e dispositivo.

Frustrados em seu plano e castigados pela sede e pelo sol inclemente, os holandeses decidiram retornar a Recife no início da tarde de 19, na crença de que os patriotas, muito enfraquecidos, se-

gundo informes recebidos, não interfeririam na manobra.

À tarde, após retirar quatro regimentos de posição, para iniciar a marcha de retorno ao Recife e deixar somente dois para cobrir o retraimento, os holandeses foram atacados de surpresa. E foram vítimas de mais uma aniquilante derrota militar.

Os luso-brasileiros, desdobrados em seis unidades de Infantaria, comandadas por Fernandês Vieira, Henrique Dias, Felipe Camarão, Figueiroa, Vidal de Negreiros, Dias Cardoso e duas companhias de Cavalaria chefiadas por Antônio Silva e Manoel de Araújo, atacaram em toda a frente, saindo de locais de onde se mantiveram ocultos até então.

Von Schkoppe, assim se referiria, mais tarde, a esse último grande fracasso militar terrestre da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil nesta 2ª Batalha dos Guararapes:

... a Cavalaria e a Infantaria se lançaram sobre os nossos regimentos e causaram tanta desordem que nem os oficiais, quer inferiores quer superiores, nem os soldados, puderam cumprir o seu dever, o que provocou tal consternação entre os nossos que a pena não

poderia descrever (...) e a maior parte de nossas tropas se pôs a fugir, deixando-se matar sem resistência, como crianças...

E um comentarista luso-brasileiro, contemporâneo da batalha: *A destruição não foi maior na perseguição porque cansados estavam os holandeses de fugir e os patriotas de matar e vencer.*

O Major Antônio Souza Júnior, no final da análise desta vitória memorável escreveu:

Mais uma vez os patriotas, inferiores em número, mas superiores como combatentes, derrotaram esmagadoramente os soldados de um dos melhores exércitos da Europa.

Esse desastre militar assim foi descrito por Van Goch, oficial holandês durante a batalha:

... tivemos que recuar por causa da excessiva força do inimigo que atacou com tanta impetuosidade que nossas tropas começaram a fugir e acharam-se logo na maior confusão, que nem palavras nem força puderam retê-las, apesar de todos os esforços dos oficiais. As nossas tropas, entregues à desordem, à deserção e à confusão, dispersaram-se aqui e ali, por diversos cami-

nhos, em direção ao mato e ao rio...

Antônio Dias Cardoso, ao representar o Exército Patriota na troca de mortos e prisioneiros, respondeu, com toda a sua autoridade de mestre da guerra brasileira, a um oficial inimigo que assegurou vitória no próximo confronto, combatendo disperso com o Exército Patriota:

Melhor para nós, pois cada soldado nosso é um capitão, enquanto cada um dos vossos necessitará um capitão ao lado para combater.

Dias Cardoso estabelecia, assim, a diferença entre o soldado patriota, encaminhado à luta por motivos patrióticos e espirituais, e o mercenário, engajado por dinheiro.

A DERROCADA FINAL DO INVASOR

Ao rude golpe militar econômico sofrido pelo invasor nas duas batalhas dos Guararapes, somam-se outros: a organização, em Portugal, da Companhia Geral de Comércio do Brasil; a guerra entre Inglaterra e Holanda e a ruína da Companhia das Índias Ocidentais. Tudo isso contribuiu para que a Holanda perdesse a supremacia naval no litoral do Nordeste.

A 14 de janeiro de 1654, em ação combinada do Exército Patriota e da esquadra da Companhia de Comércio do Brasil, composta de 44 navios, teve início o assédio do Recife. E em 10 dias de operações, a cidade caiu em mãos dos luso-brasileiros.

No dia 26 de janeiro de 1654, na Campina do Taborda, fronteira ao Forte de Cinco Pontas, os holandeses assinaram a rendição de todas as suas forças no Brasil. A Guerra de 30 Anos do Brasil chegara ao seu final.

Como conseqüências da vitória final luso-brasileira nas guerras holandesas, destacaram-se: o fim das invasões estrangeiras no Brasil por motivo de conquista; foi mantida a unidade geográfica e cultural católica do Brasil, assim como na América do Sul, ameaçada pelos holandeses baseados no Salien-

te Nordestino; surgiu o despertar da consciência nativa de que o Brasil era mais que uma colônia e já o esboço de uma nação, capaz de defender-se sem auxílio de Portugal (era o nascente sentimento de nacionalidade e de força armada despertado pelas vitoriosas batalhas dos Montes Guararapes, vencidas com uma doutrina militar genuína, desenvolvida na longa luta para a expulsão do invasor); foram lançados os fundamentos da grande democracia étnica brasileira, em consequência do irmanamento de brancos, negros, índios e mestiços na luta comum; procedeu-se o desbravamento do litoral nordestino, em especial do Recife a de Sergipe; surgiu o despertar do sentimento de unidade nacional, em razão da solidariedade à causa pernambucana de parte de outras regiões do Brasil, em especial do

Nordeste; fortaleceu-se a projeção da indústria canavieira pernambucana no cenário internacional com novas técnicas agrícolas introduzidas pelo invasor.

Nos Guararapes foi definido o endereço do Brasil. O de ser uma e não dois ou três hostis entre si, conforme acentuou o Deputado Gylberto Freire em discurso na Câmara Federal.

Vale ainda lembrar a antológica interpretação do grande historiador natural de Amargosa (Bahia) e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1948:

Foi nos Montes Guararapes, há trezentos anos, A maior batalha. O supremo desafio.

O duelo mortal do invasor e do filho da terra

Do estrangeiro e do nativo

Da poderosa opressão e da liberdade heróica.



LISTA BIBLIOGRÁFICA

A presente interpretação se baseou no estudo e análise das seguintes fontes, listadas a seguir, que remetem o leitor a outras fontes sobre as guerras holandesas no Brasil.

A fonte 1 é a parte de combate do general luso-brasileiro vencedor das duas batalhas. As fontes 3-10 foram produzidas pelo autor, então major de Estado-Maior do Exército, quando preparava a obra "As Batalhas dos Guararapes - análise e descrição militar".

A fonte 11 foi produzida por um dos comandantes holandeses que lutaram nos Guararapes, o mesmo valendo para a fonte 35.

A fonte 18 foi produzida por um general que analisa algumas obras pertinentes as guerras holandesas, como a fonte 13.

As fontes 27 e 28 foram produzidas por um padre beneditino e publicadas na RIAHGP (*Revista do Instituto Arqueológico Geográfico e Histórico de Pernambuco*).

A fonte 36 foi produzida por um bispo católico.

As fontes 37 e 38 e referidas nas fontes 11 e 35 foram produzidas por um major do Estado-Maior do Exército, uma das grandes autoridades no assunto e que reuniu na fonte 35 valiosas e importantes fontes primárias sobre as duas batalhas.

As fontes 29-31 foram produzidas pela maior autoridade em guerras holandesas e que traduziu diversos documentos do holandês para o português. Foi o grande revelador do Mestre-de-Campo Dias Cardoso, até então pouco conhecido e muito menos destacado em sua imensa projeção como profissional, devido ao facto que se fazia baseado nos heróis locais representantes das três raças, sofrendo ele uma espécie de preconceito por ser português.

As fontes 22 e 23 foram produzidas pelo diretor do Arquivo Público de Pernambuco, entidade que produziu as preciosas fontes 19 e as contantes da *Revista do Arquivo Público de Pernambuco*, 1949, comemorativa das 300 anos das Batalhas.

A fonte 26, segundo Antônio de Mello Neto foi produzida por autor que nunca esteve no Brasil e que repete Lopes Santiago, com erros.

A fonte 13 aborda a guerra até 1646, antes das Batalhas, e contextualiza o quadro geral onde estas se inseriram. A fonte 34 é de testemunha importante e básica.

1. ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. *A remuneração de serviços na guerra holandesa*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1968.
2. BARRETO, Francisco. *Parte da Primeira Batalha dos Guararapes*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. t. 56, 1893, p. 71-5.
3. BENTO, Claudio Moreira. *Mestre-de-Campo Antônio Dias Cardoso – estrategista e tático da insurreição*. Jornal do Commercio, Recife, 13 set. 1970. (Tricentenário de sua morte no Recife).
4. _____. *Anual Novo do Bom Jesus*. Jornal do Commercio, Recife, 1 nov. 1970.
5. _____. *Bombardio do Recife holandês* (inédito) Jornal do Commercio, Recife, 22 nov. 1970.
6. _____. *Heroinas de Tejacupapo*. Jornal do Commercio, Recife, 6 dez. 1970.
7. _____. *A Batalha do Monte das Taboas* (síntese de pesquisas). Jornal do Commercio, Recife, 14 nov. 1971.
8. _____. *Aniversário da Segunda Batalha dos Guararapes*. Jornal do Commercio, Recife, 14 fev. 1971.
9. _____. *Ossadas humanas nos Guararapes*. Jornal do Commercio, Recife, 21 fev. 1971.
10. _____. *O Parque Histórico Nacional dos Guararapes, uma realidade*. Jornal do Commercio, Recife, 21 fev. 1971.
11. BRANDE, Cornelius van den. *Parte de Batalha*. In: SOUZA JUNIOR. *Do Recôncavo aos Guararapes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1942. p.226-7.
12. BRASIL-Ministério da Educação e Cultura. *Documentos holandeses*. Rio de Janeiro, 1955.
13. CALADO, Manuel. *O Vilevoso Lucideno e o triunfo da liberdade*. 4ª ed. São Paulo: Edições Cultura, 1943. 2v.
14. CALMON, Pedro. *Guararapes, a aliança de dois destinos*. Revista do Arquivo Público de Pernambuco: Recife, 1949.
15. CALÓGERAS, Pandiá. *Formação histórica do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Exército, 1948.
16. CASCUDO, Luis Câmara. *Geografia do domínio holandês*. [S.l.:s.n.], 1949.
17. _____. *Conferência*. Revista do Arquivo Público de Pernambuco. Recife, 1949.
18. CIDADE, Francisco de Paula. *Síntese de três séculos literatura de militar brasileira*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959.
19. COSTA, F.A. Pereira da. *Anais Pernambucanos*. Recife: Arquivo Público de Pernambuco, 1965.
20. DELGADO, Luiz. *A Restauração Pernambucana*. Recife: [s.n.], 1945.
21. EMERENCIANO, Jordão. *A Primeira Batalha dos Guararapes*. Recife: Imprensa Oficial de Pernambuco, 1948. (No tricentenário da 1ª batalha).
22. _____. *A Segunda Batalha dos Guararapes*. Recife: Imprensa Oficial, 1949.
23. ESTADO DE PERNAMBUCO. *Inventário das armas e petrechos bélicos que os holandeses deixaram em Pernambuco*. Recife: Imprensa Oficial. 1940.
24. FREYRE, Gilberto. Discurso na Câmara Federal. Diário de Pernambuco, Recife, 22 abr. 1948.
25. GOCH, Michel van. *Relatório sobre a Segunda Batalha dos Guararapes*. In: SOUZA JUNIOR, *Do Recôncavo aos Guararapes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, p.229-33.
26. JESUS, Rafael de. *O Castriato Lusitano*. Lisboa: [s.n.] 1679.
27. LUNA, Lino de Monte Carmelo. *Memória sobre a localização do Boqueirão dos Guararapes*. Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco. 15. Recife, 1869.
28. _____. *Memória sobre os Montes Guararapes*. Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco. 17. Recife, 1870.
29. MELLO NETO, José Antônio Gonçalves de. *Restauradores de Pernambuco*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1967.
30. _____. *João Fernandes Vieira*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1967.
31. _____. *Tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1947.
32. PINTO, Lauro Alves. *A guerra e expressão das valências culturais*. Revista do Arquivo Público de Pernambuco. Recife, 1949.
33. RODRIGUES, José Honório. *Historiografia e Bibliografia do domínio holandês no Brasil*. Rio de Janeiro: Inst. Nacional do Livro, 1949.
34. SANTIAGO, Diogo Lopes. *História da Guerra de Pernambuco*. 2ª ed. Recife: 1943.
35. SCHKOPPE, Segismund von. *Parte da Primeira Batalha dos Guararapes*. In: SOUZA JUNIOR, Antônio. *Do Recôncavo aos Guararapes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1942. p. 223-4.
36. SILVA, Augusto Álvaro. *Religião e Patriotismo*. Revista do Arquivo Público de Pernambuco. Recife, 1949.
37. SOUZA JUNIOR, Antônio de Souza. *Do Recôncavo aos Guararapes*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1942.
38. _____. *Aspectos militares da Primeira Batalha dos Guararapes*. Revista do Arquivo Público de Pernambuco. Recife: 1949.